

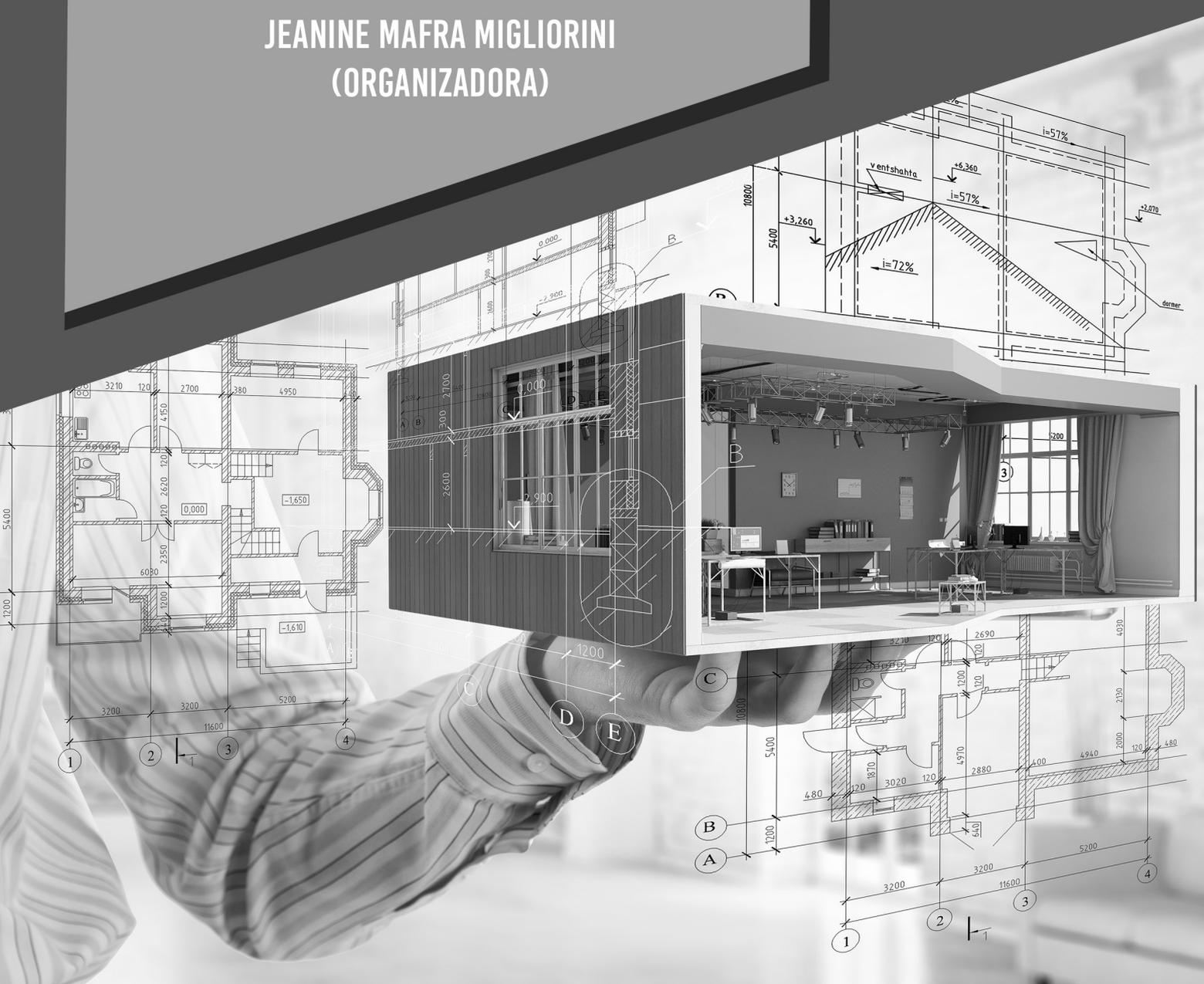
ARQUITETURA E URBANISMO: ABORDAGEM ABRANGENTE E POLIVALENTE 2

JEANINE MAFRA MIGLIORINI
(ORGANIZADORA)



ARQUITETURA E URBANISMO: ABORDAGEM ABRANGENTE E POLIVALENTE 2

JEANINE MAFRA MIGLIORINI
(ORGANIZADORA)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima

Luiza Batista 2020 by Atena Editora

Maria Alice Pinheiro Copyright © Atena Editora

Edição de Arte Copyright do Texto © 2020 Os autores

Luiza Batista Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Revisão Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora

Os Autores pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional

Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais

Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo

Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas

Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia

Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases

Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil

Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita

Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí

Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora

Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé

Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo

Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária

Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná

Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina

Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro

Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College

Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social

Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe

Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Arquitetura e urbanismo: abordagem abrangente e polivalente

2

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Edição de Arte: Luiza Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Jeanine Mafra Migliorini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A772 Arquitetura e urbanismo [recurso eletrônico] : abordagem abrangente e polivalente 2 / Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-196-1

DOI 10.22533/at.ed.954202407

1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Urbanismo. I. Migliorini, Jeanine Mafra.

CDD 720

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br


Ano 2020

APRESENTAÇÃO

Ao estudar e escrever sobre arquitetura nos deparamos com um universo que vai além da ciência, essa realidade abrange acima de tudo o social, uma vez que a arquitetura é feita para o homem exercer seu direito ao espaço, da maneira mais confortável possível. O conceito do que é exatamente esse conforto muda significativamente com o passar dos tempos. Novas realidades, novos contextos, novas tecnologias, enfim, uma nova sociedade que exige transformações no seu espaço de viver.

Algumas dessas transformações acontecem pela necessidade humana, outras, cada vez mais evidentes, pela necessidade ambiental. Um planeta que precisa ser habitado com consciência, de que nossas ações sobre o espaço possuem consequências diretas sobre nosso dia a dia. Esta discussão é necessária e urgente, nossos modos de construir, de ocupar devem estar em consonância com o que o meio tem a nos oferecer, sem prejuízo para as futuras gerações.

As discussões sobre essa sustentabilidade vão desde o destino e uso das edificações mais antigas, que são parte de nosso patrimônio e são também produto que pode gerar impactos ambientais negativos se não bem utilizados; do desaparecimento ou a luta pela manutenção da arquitetura vernacular, que respeita o meio ambiente, à aplicação de novas tecnologias em prol de construções social e ecologicamente corretas.

Não ficam de fora as abordagens urbanas: da cidade viva, democrática, sustentável, mais preocupada com o bem estar do cidadão, dos seus espaços de vivência, de permanência e a forma como essas relações se instalam e se concretizam, com novas visões do urbano.

Para tratar dessas e outras tantas questões este livro foi dividido em dois volumes, tendo o primeiro o foco na arquitetura, no espaço construído e o segundo no urbano, nos grandes espaços de viver, na malha que recebe a arquitetura.

No primeiro volume um percurso que se inicia na história, nos espaços já vividos. Na sequência abordam as questões tão pertinentes da sustentabilidade, para finalizar apresentando novas formas de produzir esse espaço e seus elementos, com qualidade e atendendo a nova realidade que vivemos.

No segundo volume os espaços verdes, áreas públicas, iniciam o livro, que passa por discussões acerca de espaços já consolidados e suas transformações, pela discussão sobre a morfologia urbana e de estratégias possíveis de intervenção nesses espaços, também em busca da sustentabilidade ambiental e social.

Todas as discussões acabam por abordar, na sua essência o fazer com qualidade, com respeito, com consciência, essa deve ser a premissa de qualquer estudo que envolva a arquitetura e os espaços do viver.

Jeanine Mafra Migliorini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ÁREAS DE PRESERVAÇÃO E URBANIZAÇÃO: O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO LITORAL PAULISTA	
Isabella Silva de Serro Azul Gabriela Sayuri Durante Samuel Bertrand Melo Nazareth	
DOI 10.22533/at.ed.9542024071	
CAPÍTULO 2	13
ANÁLISE MORFOLÓGICA DE PADRÕES ESPACIAIS DA VEGETAÇÃO NATIVA REMANESCENTE DO MUNICÍPIO DE POÇOS DE CALDAS, MG, COMO SUBSÍDIO PARA CONSTRUÇÃO DE INFRAESTRUTURA VERDE	
Leandro Letti da Silva Araújo Evandro Ziggiatti Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.9542024072	
CAPÍTULO 3	30
EVOLUCIÓN DE LAS TIPOLOGÍAS DE ESPACIOS VERDES PÚBLICOS EN EL PAISAJE URBANO. RESCATE DE LA MEMORIA VEGETAL EN VALPARAÍSO	
Cristóbal Cox Bordalí Constanza Jara Herrera	
DOI 10.22533/at.ed.9542024073	
CAPÍTULO 4	63
ARBORIZAÇÃO DE VIAS PÚBLICAS EM IRUPI-ES: UMA ANÁLISE DA MORFOLOGIA URBANA DOS BAIROS CAROLINO BARBOSA E JOÃO BUTICA	
Eduardo Machado da Silva Wagner de Azêvedo Dornellas	
DOI 10.22533/at.ed.9542024074	
CAPÍTULO 5	88
PERCEPÇÃO AMBIENTAL E ANÁLISE MORFO-ESPACIAL DE ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS: UM ESTUDO EM CIDADES DE MÉDIO PORTE NO RIO GRANDE DO NORTE/RN	
trícia Caroline da Silva Santana	
DOI 10.22533/at.ed.9542024075	
CAPÍTULO 6	102
ENTRE BELÉM/PA E RECIFE/PE, TERRITÓRIOS DESENHADOS EM PROCESSOS RESTRITIVOS, PERMISSIVOS, OCULTOS E PACTUADOS À LEGISLAÇÃO URBANO AMBIENTAL	
Ramon Fortunato Gomes Ricardo Batista Bitencourt	
DOI 10.22533/at.ed.9542024076	
CAPÍTULO 7	116
PROJETO E PLANEJAMENTO URBANOS FRENTE AOS PARADIGMAS ECOLÓGICOS DA AGRICULTURA URBANA	
Bruno Fernandes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.9542024077	

CAPÍTULO 8	129
A EVOLUÇÃO URBANA DA CIDADE DE SANTOS E O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO BRASILEIRO DE 1532 A 1930	
Hilmar Diniz Paiva Filho Roberto Righi	
DOI 10.22533/at.ed.9542024078	
CAPÍTULO 9	145
PATRONES DE LOCALIZACIÓN E INSTALACIÓN DE INFRAESTRUCTURA RELIGIOSA CATÓLICA EN SANTIAGO DE CHILE. 1850 – 1950	
Mirtha Pallarés-Torres Maria Eugenia Pallarés-Torres Jing Chang Lou	
DOI 10.22533/at.ed.9542024079	
CAPÍTULO 10	159
ESTUDO DE UM FRAGMENTO URBANO: O BAIRRO-JARDIM CHÁCARA FLORA, SÃO PAULO	
Luciana Monzillo de Oliveira Maria Pronin	
DOI 10.22533/at.ed.95420240710	
CAPÍTULO 11	175
MARCAS E MATRIZES DA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM URBANA NO ALTO DA BOA VISTA, RIO DE JANEIRO	
Leonardo Rodrigues Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.95420240711	
CAPÍTULO 12	187
CEAGESP: RECONVERSÃO E PROJETO URBANO?	
Bárbara Pereira Baptista Nadia Somekh	
DOI 10.22533/at.ed.95420240712	
CAPÍTULO 13	203
A EVOLUÇÃO DAS INTERVENÇÕES URBANAS SOBRE A CONFORMAÇÃO DA PAISAGEM DE UMA CENTRALIDADE LINEAR: AVENIDA REBOUÇAS, EM SÃO PAULO	
Maria Pronin Luciana Monzillo de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.95420240713	
CAPÍTULO 14	219
AFINAL, O QUE SÃO ECOVILAS? EM BUSCA DE UMA DEFINIÇÃO	
Juliana Viégas de Lima Valverde	
DOI 10.22533/at.ed.95420240714	
CAPÍTULO 15	233
ESTRATÉGIAS DE PROJETO PARTICIPATIVO EM ÁREAS DE VULNERABILIDADE SOCIAL	
Júlio Barretto Gadelha Tomaz Amaral Lotufo	
DOI 10.22533/at.ed.95420240715	

CAPÍTULO 16	267
MOBILIDADE ATIVA E CAMINHABILIDADE: ENSAIO PROJETUAL NA AV. JAIR DE ANDRADE	
Mateus Marcarini Zon	
Larissa Leticia Andara Ramos	
Laura Lopes Akel	
Natália Brisa do Nascimento Santos	
DOI 10.22533/at.ed.95420240716	
CAPÍTULO 17	279
PRÁTICAS URBANAS CRIATIVAS: ESTUDO, ANÁLISE E IMPACTO DE AÇÕES TÁTICAS NO ESPAÇO PÚBLICO	
Carolina Vitória Ortenzi Bortolozzo Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.95420240717	
CAPÍTULO 18	296
GESTÃO URBANA E PARTICIPAÇÃO SOCIAL: REFLEXÃO EM TEMPOS DE DISSENSO	
Andre Reis Balsini	
DOI 10.22533/at.ed.95420240718	
SOBRE A ORGANIZADORA	309
ÍNDICE REMISSIVO	310

PRÁTICAS URBANAS CRIATIVAS: ESTUDO, ANÁLISE E IMPACTO DE AÇÕES TÁTICAS NO ESPAÇO PÚBLICO

Data de aceite: 05/07/2020

Data de submissão: 06/05/2020

**Carolina Vitória Orteni Bortolozzo
Carvalho**

Universidade Presbiteriana Mackenzie

São Paulo – São Paulo

<http://lattes.cnpq.br/5917266235468466>

RESUMO: A condição efêmera da contemporaneidade, a fluidez das relações interpessoais e a ineficiência do planejamento urbano suprimiram a escala humana do contexto urbano, proporcionando um cenário de transformações físicas e sociais. A degradação e o abandono das áreas urbanas impossibilitam os espaços públicos de exercerem sua função primordial de induzir vitalidade, troca de experiências e interação social entre as pessoas. O principal objetivo da pesquisa é explorar e considerar a relevância da aplicação de práticas urbanas criativas no atual contexto urbano, através do estudo dos impactos dessas intervenções nos espaços públicos, principalmente através do engajamento coletivo. As ações táticas surgem como ferramentas mitigatórias para esse processo de deterioração urbana, pautado em uma abordagem mais

sistêmica e dialética do planejamento urbano. Portanto, incentivar a implementação de certas iniciativas e intervenções no espaço urbano é uma ação essencial para o combate a extinção da vida urbana e a deterioração gradual dos espaços públicos.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas Urbanas Criativas. Lugar público. Ações táticas. Convívio Social.

CREATIVE URBAN PRACTICES: STUDY,
ANALYSIS AND IMPACT OF TACTICAL
ACTIONS IN THE PUBLIC SPACES

ABSTRACT: The ephemeral condition of contemporaneity, the fluidity of interpersonal relations and the inefficiency of urban planning suppressed the human scale of the urban context, thus providing a scenario of physical and social transformations. The degradation and abandonment of urban areas make it impossible for public spaces to exercise their primary function of inducing vitality, exchanges of experience and social interaction among people. The main objective of the research is to explore the relevance of the application of creative urban practices in the current urban context, through the study of the impacts of these interventions in public spaces, mainly

through collective engagement. Tactical actions appear as a mitigating tool for this process of urban deterioration, based on a more systemic and dialectical approach to urban planning. Therefore, encouraging the implementation of certain initiatives and interventions in urban space is an essential action for combating the extinction of urban life and the gradual decay of public spaces.

KEYWORDS: Creative Urban Practices. Public place. Tactical Actions. Social Conviviality.

1 | INTRODUÇÃO

O paradigma da subutilização, do abandono e do esvaziamento de áreas urbanas impossibilitam os espaços públicos de exercerem sua função primordial de induzir vitalidade, urbanidade e convívio social. A ideia de transitoriedade e subjetividade está cada vez mais presente no cenário urbano, ocasionando a superficialidade na relação entre pessoas e espaço público, fator este que induz a hostilidade e a falta de interesse em vivenciar o ambiente coletivo, bem como, em se criar novos vínculos interpessoais. Com isso, o espaço público perdeu sua potencialidade e sua relevância para a vida urbana, tornando-se um local inativo, negligenciado, sem identidade visual e valor social.

O reforço da importância e a ativação intencional de tais locais comportam-se como facilitadores das relações sociais (LEFEBVRE, 2008) e encontram-se diretamente ligados à capacidade coletiva de vivenciar, entender, captar e, assim, transformar o meio em questão. Em “Invenção do Cotidiano”, o filósofo Michael de Certeau (2014) afirma que, é na vivência da cidade que se passa a entendê-la como produto de uma experiência.

A interação humana e ambiental cria-se perante à condição das relações desenvolvidas em um determinado espaço urbano, salientando assim a importância não somente do espaço físico em si, bem como, das experiências e trocas ali desenvolvidas. Todo ambiente produz uma vivência subjetiva em cada indivíduo, detendo assim a capacidade de emitir estímulos, atrativos e condicionantes de uso. Esta característica intrínseca aos espaços urbanos, da qual determina a aproximação ou distanciamento das pessoas, é denominada ambiência urbana. Segundo Besbetti (2014), para se compreender a abrangência e relevância desse conceito, afirma-se que o fator de ambiência não é composto somente pelo meio material onde se vive, mas pelo efeito moral que esse meio físico induz no comportamento dos indivíduos.

As cidades são cognitivas por natureza e dependem rigorosamente de suas redes, sistemas, fluxos, movimentos e interações, para que se mantenham vivas (HARVEY, 2014). A abordagem sistêmica, dialética e pode-se dizer, sensorial da cidade, surge como ferramenta mitigatória em combate a sua progressiva decadência. Ao tratar a cidade como um artefato vivo e sensível, compreende-se imediatamente suas reais necessidades e tensões, despertando assim em seus habitantes o senso de pertencimento a este grande

sistema de relações. Somente através da vivência e do convívio urbano adquire-se conhecimento acerca de ações prioritárias que visem uma gestão eficaz, que possibilitem a amenização das mazelas urbanas e estimulem o potencial de convivência entre grupos sociais distintos.

A inversão de valores presente do ambiente urbano atual gera impactos não somente no arranjo territorial bem como na dinâmica das cidades, transformando-as em um reduto de espaços desarticulados, estagnados e carentes de função pública. A paisagem urbana reflete muito acerca do “estado de saúde” da cidade (FERRÃO, 2003), pois a presença constante de um cenário fragmentado, degradado e desconectado revela uma cidade doente, com um passado marcado por negligência dos espaços públicos, um presente e um futuro de constantes reparos.

Segundo Jacobs (2000), as pessoas são os “olhos” das ruas, portanto a troca de experiências nas cidades, a interação de seus habitantes em locais públicos e a convivência social configuram-se como elementos fomentadores de urbanidade, não somente em pequenos centros urbanos, bem como em metrópoles globais. Desse modo, o incentivo a participação popular e a democracia tornam-se um importante aliado da recuperação social e física da cidade. A busca pela vida urbana e movimentos sociais nas cidades são propósitos que se encontram na lista de prioridades da maioria dos cidadãos, que por ventura, estão insatisfeitos com a ineficácia das ações do poder público.

A ideia do direito à cidade é uma questão discutida há tempos por aqueles que acreditam que a melhoria da qualidade de vida urbana procede diretamente do engajamento e ativismo de seus habitantes. Primordialmente salientado por Lefebvre, a concepção do direito dos cidadãos ao espaço público bem como as suas dinâmicas, impulsionou um intenso movimento de participação popular nos grandes núcleos urbanos.

Determinada corrente ganhou o rótulo de cidadania insurgente por James Holston (2013). As cidades, portanto, tornaram-se palcos de reivindicações de grupos vulneráveis, fomentando assim, a emergência de uma cidadania urbana, de caráter revolucionário. Diante de tal constatação, torna-se necessário retomar a ideia do direito à cidade de Lefebvre, do qual acreditava que este propósito não se restringe somente ao direito de acesso do cidadão aos recursos urbanos, mas sim e mais especificamente, ao direito de transformar e reinventar a cidade com base nos anseios individuais e coletivos (HARVEY, 2014). Com base nisto, torna-se claro que o cidadão comum é a peça-chave para ressignificar ambientes, que por sua vez, perderam sua definição social.

A atual conjuntura urbana expressa física e socialmente a suposta perda de senso comunitário. A onda de privatizações, controle espacial, gradeamentos, embate entre público e privado e insegurança pública moldaram o ambiente urbano das grandes cidades, salientando a promoção de uma vida pública, porém individualista. Os espaços públicos não são convidativos, as pessoas estão cada vez mais voltadas ao seu próprio cotidiano e veem a cidade apenas como peças coadjuvantes deste cenário (GEHL, 2013).

O protagonismo social é algo distante e não assimilado pela maioria da população, em razão de admitirem que o cerne da mudança se encontra em escalas maiores do poder. Este contexto de abnegação social está se transformando gradativamente, pois a consciência e engajamento coletivo está ganhando forças diante da ineficácia das políticas públicas.

Uma cidade oclusa, com espaços públicos subutilizados e sem função social diz muito acerca dos modos de vida presentes no ambiente urbano. A priorização da vida intramuros impede a cidade, como organismo vivo, de realizar suas atividades e funções essenciais, como a possibilidade da vivência humana nos espaços públicos, a sombra das condições de segurança, conforto e acessibilidade.

Este contexto de segregação torna-se um empecilho no que diz respeito as diversas formas de atividades humanas, que acontecem em meio ao espaço urbano, e que tem o potencial de catalisar a sociabilidade e atrair o encontro, a troca e a convívio entre as pessoas (ESTEVES, 2016).

Visto que, a transformação de um lugar é pautada primordialmente pela ocupação e apropriação do espaço, a ação de intervir na cidade contemporânea utilizando iniciativas criativas, com medidas rápidas e de fácil execução, demonstram a possibilidade de transformações em larga escala e de longo prazo (ESTEVES, 2016). Determinadas práticas urbanas comportam-se como ferramentas táticas no combate aos desequilíbrios sociais e físicos da cidade, desencadeando, desse modo, uma conexão entre planejamento urbano e iniciativas inovadoras, com o propósito de obter uma visão mais estratégica da cidade. Dessa maneira, o modo como as pessoas compreendem os espaços está diretamente relacionado ao uso que elas fazem desses locais (Sansão, 2011). Nesse sentido, identificar os fatores que interferem no uso os espaços é uma forma de contribuir para ambientes mais satisfatórios.

2 | CONCEITO DE PRÁTICAS URBANAS CRIATIVAS

Edward Relphy (1976) identifica três componentes básicos para a formação de um lugar: o seu espaço físico, os usos e atividades que nele se desenvolvem e por fim, o significado que ele adquire. O autor, porém, destaca o “significado” como o elemento mais difícil a ser interpretado e estudado, uma vez que este depende diretamente da condição dos componentes anteriores.

No contexto urbano contemporâneo, a presença de lugares sem significado e função social cresce dia após dia, a medida em que o planejamento continue priorizando os automóveis, e o cidadão comum continuar sendo vítima de todo este processo. As cidades atuais estão repletas de “não-lugares” (Marc Augé, 1994) e as pessoas cada vez mais transitam pelo ambiente urbano sem estabelecer vínculos com o mesmo, caracterizando assim, um espaço de todos que na verdade torna-se espaço de ninguém.

Com base neste âmbito, os espaços públicos devem suprir uma função, um “porquê” de apropriá-lo, um “para que” ele existe no ambiente urbano e um “de que forma” será utilizado, para que assim, com base nas respostas destes questionamentos, seja implementada uma ação para que ele se torne um lugar ativo, significativo, sociável e relevante para a população.



Figure 01 : Funções do espaço público.

Source : <https://www.sobreurbana.com/>

Embora haja uma realidade urbana marcada pelo desinteresse e negação dos espaços públicos, muitos cidadãos ainda se preocupam em mudar determinada situação, transformando os não-lugares em lugares repletos de significados e conexões. Estas “atitudes cidadãs” no meio urbano caracterizam um novo modo de intervir na cidade, revelando assim formas de repensar a escala urbana e novos agentes de atuação. Determinado fenômeno tem surgido em diversas partes do mundo e pode ser desenvolvido por meio de diversos atores, métodos e processos.

De acordo com Gadanho (2015), ocupações temporárias no espaço público, modelos alternativos e incomuns de infraestrutura, iniciativas criativas de apropriar-se dos espaços da cidade e os domínios resultantes da informalidade urbana são exemplos de ações táticas no solo urbano. Porém, estas ações manifestam-se de formas diversificadas e não se restringem somente a estas definições.

As variadas formas de se viver na cidade, as ativações promovidas por grupos organizados ou não, as ações individuais e ordinárias do cotidiano, a revitalização da paisagem urbana através dos anseios da população, iniciativas efêmeras sem um planejamento prévio, dentre outras, também se comportam como práticas criativas utilizadas na produção de espaços e de ambiências urbanas.

As práticas urbanas criativas (PUC) são experiências em que as pessoas desempenham um papel ativo, afetivo e efetivo no espaço público (FARIAS, 2018). Determinadas ações refletem conflitos presentes na paisagem urbana, sendo eles,

necessidades coletivas ou individuais. Isto é, o posicionamento e a experimentação dos cidadãos perante os espaços públicos sinalizam o potencial de uma ação criativa em ser uma ferramenta na luta pelos direitos humanos e na construção de uma cidade melhor.

A conceituação de P.U.C. na presente pesquisa, foi construída com base em dois conceitos dinâmicos, que demonstram a complexidade e ao mesmo tempo a simplicidade das ações criativas no espaço urbano. De acordo com o termo *Everyday Urbanism* (“Urbanismo do Cotidiano”), intitulado por Margaret Crawford (1999), as intervenções tratam-se de atitudes perante a cidade, das quais celebram a vitalidade e riqueza de trocas do cotidiano, enfatizam as potencialidades de cada local e incentivam usos alternativos dos mesmos. Para a autora, o real urbanismo das cidades está na experiência vivida nos espaços públicos e não em projetos urbanos engessados.

O segundo conceito a ser utilizado foi o *Post-it City* (“Cidade Ocasional”), cunhado por Giovanni La Varra (2008), do qual utilizou-se de uma metáfora ao relacionar as intervenções na cidade com os famosos adesivos coloridos utilizados para lembretes, que de certa forma relatam algo novo a ser notado. O autor acredita que este tipo de “dispositivos”, ou seja, estes tipos de práticas urbanas, sejam ligadas a novas formas de vida coletiva fora dos moldes convencionais. Portanto, a cidade ocasional detém o poder de surpreender e descobrir possibilidades antes desconhecidas em locais que são submetidos sempre ao mesmo uso e atividade, isto é, as práticas espontâneas tem a capacidade de colocar o espaço em constante movimento e mutação, promovendo assim, vitalidade e constante apropriação do mesmo.

Segundo Adriana Sansão, baseando-se nos conceitos de Crawford (1999) e La Varra (2008):

Usos e ocupações temporárias são vistos no atual debate, portanto, como ferramentas de potencialização, revelando novas possibilidades dos espaços. Atuam na forma de auto observadores da sociedade, uma vez que, por estarem à margem do planejamento das cidades, ocupam ou se apropriam de áreas que por alguma razão estão vazias. Logo, observam as relações sociais e exploram nichos, apresentando-se muitas vezes como alternativas, como potência e como forma de movimento para a revitalização das áreas residuais e dos espaços ociosos da cidade, movimento inclusive com potencial elástico, que permite o contínuo fazer e desfazer. (SANSÃO, 2011, p.27)

A questão do direito a cidade levantada por ações participativas, bem como o incentivo a ideias mais utópicas, a ética do bem comum, a auto-organização social, a utilização de novas tecnologias para ativação de espaços públicos e o interesse pelo cotidiano configuram-se como características de uma produção urbanística mais crítica, justa e linear, das quais são refletidas no meio urbano através das novas práticas.

Em face dos impactos positivos diagnosticados por meio das práticas urbanas criativas, convém utilizar-se de um conceito formulado por Adriana Sansão Fontes (2011), este sendo a amabilidade urbana. O termo evoca comportamentos como generosidade, proximidade e relações afetivas, presentes no cenário urbano através do uso coletivo e consciente dos espaços públicos. Segundo a autora, o conceito é concebido como “um

atributo do espaço amável, daquele que promove ou facilita o afeto e a proximidade, apondo-se ao individualismo”. A amabilidade é considerada, portanto, uma qualidade urbana inédita e uma nova forma de compreender o espaço.

A presença de determinada “qualidade urbana” em espaços públicos comprova o sucesso das intervenções, pois contata-se que ações criativas coordenadas de forma eficaz, capazes de promover o engajamento coletivo e realizadas por meio de processos colaborativos, detêm a capacidade de gerarem ambientes amáveis e atrativos, verdadeiros palcos de convívio social e formação do senso de pertencimento.

Sansão (2011) formula o conceito de amabilidade em dois tipos de relações:

A amabilidade é um conceito de dupla formação. Relaciona-se tanto à criação de vínculos entre a pessoa e o espaço [intervenção temporária como intensificadora dos atributos físicos e potencial “reformatadora” do lugar, como às conexões entre as pessoas, conexões que podem se manifestar através de encontros, intercâmbios, cumplicidades e energias, e que reagem ao individualismo e à hostilidade que caracterizam as formas de convívio coletivo contemporâneas. (SANSÃO, 2011, p. 14).

Diante destes tipos de relações geradas por meio da amabilidade, retoma-se uma ideia supramencionada na pesquisa, defendida por Alexander (1968), de que as intervenções promovem relações entre as partes fixas e as partes móveis do espaço público, sendo elas respectivamente, o local e as pessoas. Dessa forma, o estímulo gerado por estas práticas, do qual possibilita a interação social momentânea ou permanente, é um agente provedor de amabilidade urbana.

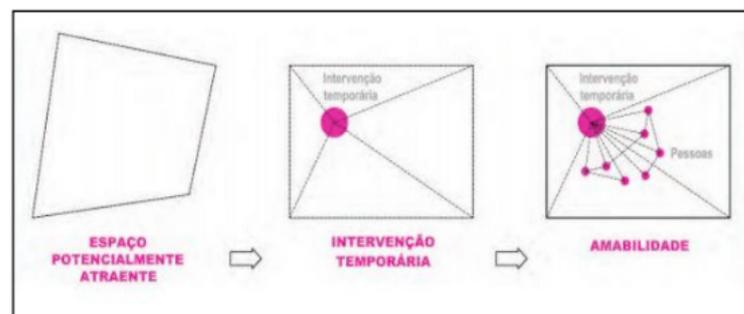


Figure 02 : Diagrama da Amabilidade.

Source: Sansão (2011).

O que faz um lugar ser considerado bem-sucedido e atrativo a população? Esta é a pergunta básica que pessoas comuns, órgãos, instituições e ONG's, que detêm o desejo de se tornarem agentes transformadores, devem fazer antes de dar o primeiro passo.

A Projects for Public Spaces (PPS), após realizar um diagnóstico em diversos espaços públicos pelo mundo, constatou que os espaços urbanos que eram considerados bem-sucedidos dotavam de quatro qualidades em comum: Acessibilidade (apresentar espaços adequados e adaptados a todos os tipos de público); Ser ativo (oferecer atividades variadas

e criar situações pare que as pessoas usem o espaço); Conforto (Possuir atributos que o tornem mais convidativos, como possuir lugares para sentar, ser seguro, apresentar uma vista agradável, ser caminhável, etc.) e por fim, Sociabilidade (ser um local de encontro entre as pessoas, de convívio social e confraternização).

Diante do exposto, são denominadas práticas urbanas criativas toda e qualquer intervenção espontânea, flexível e de fácil execução, que provoque impacto no cotidiano das pessoas, que possibilite a mudança por completo ou a readequação do uso primário do espaço e promova a interação entre as pessoas por meio de atividades colaborativas.

3 | CONCEITOS INOVADORES

Com o propósito de aprofundar o conhecimento acerca das práticas urbanas criativas, é fundamental explanar conceitos relevantes que são tidos como referências para a criação e execução de determinadas ações. O Urbanismo Tático, o Placemaking e o Microplanejamento comportam-se como meios de efetivação das ações e das experiências que carregam consigo a capacidade de transformação e ativação do espaço urbano.

O **Urbanismo Tático** surge em confluência com a luta dos mais “fracos”, promovendo cidadãos com capacidade de repensar os atuais modelos de urbanismo e sua participação política. Para Mike Lydon e Anthony Garcia (2014):

O Urbanismo Tático é uma abordagem para a construção e ativação de vizinhanças utilizando intervenções e políticas de curto prazo, de baixo custo e escalonáveis. O U.T. é usado por diferentes atores, incluindo governos, organizações sem fins lucrativos, grupos de cidadãos e indivíduos. Faz uso de processos abertos e interativos de desenvolvimento, o uso eficiente dos recursos e o potencial criativo desencadeado pela interação social. (Lydon e Garcia, 2014, p.285)

A construção do termo moldou-se a partir do ano de 2011, quando Mike Lydon e Anthony Garcia juntamente com jovens urbanistas norte-americanos publicaram uma espécie de Manual do Urbanismo Tático, intitulado *Tactical Urbanism: Short-term Action, Long-term change*, que apresentou a temática da construção da cidade por meio de ações em pequena escala que atendem a um propósito maior. De acordo com BERQUE (1998), os âmbitos e escalas espaciais são consideradas marcas e matrizes da ação do homem inseridas em sua complexa espacialidade, que envolve distintos propósitos, meios e sentidos.

O **Placemaking**, por sua vez, configura-se como uma abordagem pragmática no quesito de “como melhorar o ambiente em que você vive?”, e “por meio de quais práticas podemos fazer isso?”. Este processo dentro de uma perspectiva urbana configura-se como ferramenta essencial para deflagrar novas ideologias e conceitos de vida em comunidade, construindo uma nova consciência social, cultural, ambiental e política. Trata-se, portanto, de uma abordagem transformadora que estimula os cidadãos a criar e manter os espaços públicos.

O incentivo a participação popular e a coletividade no processo de transformação física e social de um bairro ou região, introduz o sentimento de pertencimento e a verdadeira identidade dos moradores nos processos de ativação urbana, promovendo assim, o reconhecimento da “alma” do local e, consecutivamente, o fortalecimento da ligação entre as pessoas que ali residem. Trata-se de um processo colaborativo, que potencializa o valor do compartilhamento de ideias e ações, do qual não depende do estímulo do poder público para ser realizado.

O termo em questão foi utilizado pela primeira vez após a conclusão de um trabalho elaborado por Willian Holly Whyte, em 1970. A Project for Public Spaces, uma das mais importantes ONGs engajadas nesta causa, possui suas diretrizes pautadas nos pressupostos cunhados pelo autor em questão.

Em tese, de acordo com a Project for Public Spaces (PPS):

Mais do que apenas promover um melhor desenho urbano, o placemaking facilita padrões criativos de uso, com especial atenção para identidades físicas, culturais e sociais que definem um lugar e apoiam a sua evolução contínua. (PPS, 2014)

O **Micro Planejamento** cria pontos de intervenções encadeados e atua na cidade possuindo um caráter de experimentação, realizando testes em busca de potencialidades e elegendo assim o ambiente urbano como um laboratório (ROSA, 2011). Esta modalidade de planejamento é executada por meio de práticas urbanas coletivas que atuam em campos de ação elencados pela própria comunidade, dos quais se deseja transformar, remediar e ativar. Os campos de ação devem ser espaços com potencial de reorganização socioespacial, que transmitam um novo pensamento e atitudes inovadoras com relação a vida urbana.

As ações de um Micro Planejamento visam o fomento da vivacidade local, sendo elas práticas criativas que, por muitas vezes, não estão diretamente ligadas ao urbanismo propriamente dito e a questões de infraestrutura urbana, entretanto desempenham efetivamente um papel de transformação social no meio em questão. O impacto gerado por uma prática urbana criativa é percebido em maior intensidade por seu entorno, seja a vizinhança ou até mesmo o bairro. Para que estas intervenções ganhem respaldo a nível de uma região ou cidade, elas devem ser executadas em rede.

O “Urbanismo em Rede” (ROSA, 2011) trata-se da conexão entre práticas pontuais do Micro Planejamento, que juntas ganham força e provocam reações encadeadas, encorajando e incentivando, portanto, pessoas e instituições em todos os cantos da cidade. Determinado conceito aproxima-se da ótica da Acupuntura Urbana, onde acredita-se que toda e qualquer ação no tecido urbano, se somada a outras com o mesmo propósito, propagam-se de forma mais eficaz e concreta, transformando assim progressivamente a vida na cidade (LERNER, 2003).

Em síntese, o conceito de práticas urbanas criativas (P.U.C.) configura-se como a principal concepção da pesquisa e engloba os demais conceitos secundários. Com isso,

entende-se que toda ação do Urbanismo Tático, do Placemaking e do Micro Planejamento Urbano pode ser definida como uma prática urbana criativa, concebendo, portanto, um entendimento de que se tratam de conceitos distintos que expressam e caracterizam o mesmo fenômeno. Vide quadro abaixo.



Figure 04: Diagrama dos conceitos.

Source: Autora.

4 | CASO-REFERÊNCIA: INOVA CAJAMAR

No ano de 2016 iniciou-se uma discussão com o intuito final de promover um Plano de Desenvolvimento Territorial para o Município de Cajamar, com apoio da Empresa Natura e do Sesi. O Movimento Inova Cajamar foi criado por meio das startups Conexão Cultural e Bela Rua, iniciando suas atividades em junho de 2015 a partir da necessidade de se promover iniciativas que devolvessem à sociedade valores como desenvolvimento sustentável e democracia participativa, com o intuito de mitigar o déficit cultural em áreas periféricas e onde há a diminuta participação do Estado.

O município de Cajamar pertence a Região Metropolitana de São Paulo e é conhecido por ser um grande polo industrial, possuindo indústrias de materiais variados. Entretanto, o mesmo apresenta baixos índices sociais e contexto político estável, fazendo com que o cenário urbano apresentasse espaços públicos degradados, situações precárias de moradia e carência em locais de lazer. Em meio a ausência de um planejamento que orientasse sua ocupação e desenvolvimento, o projeto Inova Cajamar surgiu como um vetor de transformação física e social, incentivando o desenvolvimento sustentável e garantindo qualidade de vida aos cidadãos do município.



Figure 05: Evento do Programa Inova Cajamar.

Source: <<http://www.inovacajamar.org.br>>.

Segundo Marcel de Souza (2016), integrante do movimento, a metodologia para o desenvolvimento deste projeto foi constituída a partir de duas abordagens de trabalho: o Placemaking juntamente com suas ferramentas colaborativas e o Plano de Desenvolvimento Territorial, ambos fomentam a ativação urbana de espaços públicos comuns a fim de torná-los lugares memoráveis, que possam inspirar as pessoas.

No ano de 2017, o movimento trabalhou em torno de três grandes ações que contemplassem temas como caminhabilidade urbana, o fomento de atividades culturais e recuperação de becos abandonadas. A primeira iniciativa foi denominada de Jane's Walk propôs uma caminhada interativa por um determinado bairro da cidade, onde os participantes identificavam pelo caminho, possíveis elementos que dificultassem a mobilidade urbana. Utilizou-se a técnica de colar adesivos gigantes em formato de curativos, a fim de chamar atenção para o problema de forma dinâmica.

A segunda iniciativa foi o Circuito Cultural Natura, onde foi realizado a renovação da Praça Anna Maria Aró através de pinturas, atividades culturais e esportivas, oficinas de material reciclado, shows e aulas de dança. O evento obteve a participação maciça dos moradores locais, fator este que determinou o sucesso da intervenção e seus impactos no município como um todo.

A terceira ação, conhecida como “Viva Viela”, propôs a revitalização de uma viela do bairro da Jordanésia, antes conhecida por seu ambiente austero e abandonado. A iniciativa trouxe um visual mais vivo, com frases escritas nas paredes e figuras geométricas, fazendo com que os pedestres interajam com o ambiente e obtenham a sensação de segurança ao passar pelo local. “A arte para mim é tudo. A aparência de comunidades é muito sofrida e acho que, quando colocamos cor, trazemos mais alegria e o incentivo às pessoas para se reinventarem”, afirmou o empresário e morador da região Vinicius Ribas, ao ser questionado se esta ação deveria ser replicada em outros locais da cidade.

Determinado conjunto de práticas urbanas criativas se desenvolveram a alguns anos

atrás, a partir de encontros e intervenções-testes realizadas em alguns pontos da cidade. No ano de 2015, a primeira intervenção foi realizada na Praça da Bíblia com a temática do Bem-Estar e Qualidade de Vida, a segunda intervenção foi realizada também na Praça da Bíblia, com o tema de Educação avançada e Emprego, a terceira e última intervenção foi realizada na Praça do Ginásio do Paraíso, trabalhando as temáticas do Meio Ambiente e focando principalmente em saúde preventiva e alimentação saudável.

O movimento faz parte de um programa denominado Cidades Sustentáveis, do qual realiza uma compilação de indicadores sociais relacionados a intervenções com propósitos de requalificação do espaço público e desenvolve um manual de boas-práticas, entregues aos gestores públicos em formato de agenda. O objetivo é impulsionar, sensibilizar e mobilizar o maior número de cidades possíveis, com a finalidade de promover a sustentabilidade urbana por meio de processos criativos e participativos.

O Inova Cajamar transformou a realidade de um município periférico, dotado de baixos índices sociais, sendo um movimento autônomo, apartidário e aberto a todos. Melhorias como aumento da autoestima da população local, devolução do senso de pertencimento ao lugar e o empoderamento da comunidade fizeram do Movimento um caso-referência na temática de cidades para pessoas.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS: “UMA VISÃO DE FUTURO”

A presente pesquisa buscou promover o interesse e o debate a respeito da função social dos espaços públicos na cidade contemporânea e suas formas de ativação através ações participativas e colaborativas. Ao longo do estudo buscou-se abordar o atual cenário de abandono e subutilização desses espaços no ambiente urbano, a constatação de sua importância para a vida das pessoas, bem como a apresentação de ferramentas criativas provenientes de práticas urbanas inovadoras, que visam a melhoria da qualidade de vida nas cidades.

Com o intuito de expor os principais alcances e conclusões do presente estudo, reorganiza-se os questionamentos realizados no início da pesquisa em cinco tópicos a serem discutidos, são eles: **a perda de potencialidade e atração do ambiente urbano, a ausência de pessoas nos espaços públicos, definição de espaço atrativo, os benefícios dos locais “ativados” para a sociedade e as ferramentas utilizadas na transformação.** Após o estudo do referencial teórico e a análise dos casos-referência, conclui-se que:

| **A potencialidade e a capacidade de atração** estão diretamente ligadas ao uso e apropriação do lugar. Na cidade atual o espaço público perdeu seu potencial a partir do momento em que as pessoas deixaram de vivenciá-lo, em razão, primeiramente, das suas condições físicas e posteriormente, dos impactos que estes ambientes subutilizados

instituem na sociedade. Com isso, pode-se afirmar que o caráter transitório dos espaços públicos decorreu de falhas no planejamento padrão, do qual concebe locais fragmentados, inertes e impessoais.

| A **ausência de pessoas** ocupando o espaço público das cidades contemporâneas advém da falta de afeição e vínculo para com o mesmo. O senso de pertencimento é um atributo que qualifica um determinado lugar, e este não existindo, não haverá também sua ocupação e desejo de vivência. Dilemas sociais como a insegurança pública, a degradação de equipamentos urbanos, a má gestão urbana, o déficit habitacional e a desigualdade entre classes, geram uma cadeia de problemas, dos quais se refletem diretamente no espaço público e nos seus usuários, distanciando-os gradualmente.

| Um **espaço público considerado atrativo** é aquele capaz de gerar instantaneamente reações de dúvida, curiosidade e surpresa ao “público”, isto é, locais onde práticas urbanas criativas são implantadas comportam-se como um elemento inesperado em meio ao cenário urbano e ao cotidiano das pessoas. O desejo de vivenciar o “novo” e de experimentar o “desconhecido” são os fatores primordiais para a indução ao uso de determinados locais. Em seguida, os fatores que garantem a ocupação permanente destes espaços são: a qualidade dos elementos físicos, como a estrutura, o conforto e a limpeza; e a qualidade dos elementos sociais, como as trocas de experiência, o convívio coletivo e a segurança.

| Os **benefícios que os espaços ressignificados** concebem no território urbano e na vida das pessoas são imensuráveis, pois não se trata apenas da obtenção de uma nova área de lazer e convivência para a população, mas sim da construção de um novo pensamento, de caráter social, cultural e político em relação a cidade. Determinadas práticas capazes de transformar um local vazio e degradado em um local vivo e atrativo, carregam consigo o potencial de promover o convívio social, o estímulo a manifestações culturais e o empoderamento da população mediante ao sistema dominante.

| As **ferramentas de transformação** de um local ou ambiente urbano como um todo, tornaram-se claras ao final da dissertação. As práticas urbanas criativas, munidas das técnicas do Urbanismo Tático, do *Placemaking* e do Micro Planejamento, comportam-se como verdadeiros instrumentos de combate a decadência dos espaços públicos e das relações interpessoais. Uma simples pintura no asfalto, o fechamento temporário de uma rua, a ampliação de uma calçada, o uso de equipamentos inusitados, a ocupação de um estacionamento, a implantação de mobiliários flexíveis, a promoção de eventos culturais itinerários, entre outras, são consideradas como novas formas de atuação e transformação do espaço público.

O domínio sob os conceitos e processos das ocupações efêmeras facilita ações do planejamento urbano como um todo, pois a partir de tal entendimento desenvolve-se discussões e inquietações sobre o futuro dos espaços públicos, o potencial de requalificação das ações, o ganho teórico para as políticas públicas e para as “boas práticas” a serem

replicadas futuramente.

Ao se pensar o território urbano como um ambiente de presença e ação, compreende-se, portanto, este espaço como uma rede estruturadora para a constituição da vida urbana em suas principais necessidades. A recuperação e ressignificação de espaços públicos no Brasil, através do ativismo dos próprios cidadãos atesta a relevância dos principais movimentos de insurgência urbana, proporcionando a visibilidade aos cidadãos em meio ao processo de construção da cidade.

O campo dos novos conceitos, novas formas de atuação e novos atores responsáveis não é um caminho fácil a se seguir e está apenas começando a dar seus primeiros passos. Porém, a inconsistência da temática a qualifica e a torna ainda mais imprescindível na polemica acerca do futuro das cidades e das relações nelas existentes. Em suma, o objetivo central do presente estudo é demonstrar o potencial das ações criativas, por meio de iniciativas alternativas as convencionais, em transformar dinâmicas urbanas e em salientar o valor humano de se viver na cidade.

Conclui-se, portanto, empregando uma base teórica denominada Teoria das Janelas Quebradas, na qual foi desenvolvida no começo da década de 80 na Escola De Chicago, por James Q. Wilson e George Kelling. A teoria surgiu a partir de uma experiência da qual se colocava dois automóveis abandonados em duas áreas distintas da cidade, um em um bairro nobre e o outro em uma periferia, e então, a primeira constatação já era esperada pelos pesquisadores, de que o carro da periferia seria depredado e o outro carro não. Porém, este não era este fenômeno a ser comprovado.

Os pesquisadores continuaram a experiência e começaram a quebrar propositalmente os vidros do carro que se encontrava no bairro nobre, com isso o resultado foi o mesmo ocorrido na periferia, o carro, por sua vez, passou a ser objeto de furto e depredação. Diante disso, chegou-se a constatação de que não era o poder aquisitivo do local que determinava seu grau de degradação, mas sim o rumo do desenvolvimento das suas relações sociais. James e George (1982) concluíram que ao quebrar uma janela e a deixar sem conserto e reparo, a tendência é de que o grau de vandalismo aumente. Ou seja, os pesquisadores acreditam que “desordem gera desordem” e que pequenos atos de negligencia e abandono geram reações em cadeia, e acabam corrompendo o sistema como um todo.

Determinada teoria se encaixa perfeitamente do que diz respeito a atual situação dos espaços públicos e sua falta de significado social. Quanto mais espaços depredados no ambiente urbano, a tendência é de que esta situação se agrave e se torne irreversível. Isto é, espaços atrativos geram espaços atrativos, assim como espaços degradados geram espaços degradados, e por menor que seja uma ação ela pode influenciar as demais.

Ao traçar este paralelo com a Teoria das Janelas Quebradas, torna-se cada vez mais persuasiva a ideia de que se cada um fizer sua parte, o todo será contaminado, mais cedo ou mais tarde. O atual contexto das cidades ainda é composto, em sua maioria, por

“janelas quebradas”, porém por meio de práticas urbanas criativas geradas a partir de ações participativas e colaborativas, este cenário tende a se modificar. Nossa luta está apenas começando.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Christopher. *La ciudad no es un árbol*. Barcelona: ETSAB, 1968. (Ed. original 1965).

ARANTES, Pedro F. *Práticas artísticas e o novo ativismo urbano*. Palestra proferida no Museu de Arte de São Paulo em 06 ago. 2016. Disponível em: Acesso em: 06 jan. 2017.

ASCHER, François. *Os novos princípios do urbanismo*. Tradução à apresentação Nadia Somekh - São Paulo: Romano. Guerra, 2010.

BERQUE, A. *Paisagem-marca, Paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural*. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

BESTETTI, M. L. T. *Ambiência: espaço físico e comportamento*. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro, 17(3): 2014.

BRENNER, Neil. “Seria o “urbanismo tático” uma alternativa ao urbanismo neoliberal?” *Revista e-metropolis*. nº 27, 2016.

BORJA, Jordi; MUXÍ, Zaida. *El espacio público: ciudad y ciudadanía*. Barcelona: Diputació de Barcelona, 2003.

BROADBENT, Geoffrey. *Emerging Concepts in urban space design*. London: Van Nostrand Reinhold, 1990.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2014.

COUGO, Felipe. *O enfoque das capacidades em Amartya Sen*. Universidade Federal de Pelotas - Instituto de Filosofia, Sociologia e Política. Pelotas, 2016.

CHASE, John; CRAWFORD, Margaret; KALISKI, John. *Everyday Urbanism*. New York: The Monacelli Press, 1999.

CULLEN, Gordon. *The Concise Townspace*. London: The Architectural Press, 1961.

ESTEVES, Caio. *Place Branding - Identificando vocações, potencializando identidades e fortalecendo lugares*. Santos: Simonsen, 2016.

FARIAS, Ana Carolina. *Taxonomia do Urbanismo Tático: Uma Proposta para Leitura, Compreensão e Articulação das Táticas Urbanas Emergentes*. Universidade Federal de Goiás, 2018.

GADANHO, Pedro (Org.). *Uneven Growth – Tactical Urbanisms for Expanding Megacities*. New York: The Museum of Modern Art, 2015.

GEHL, Jan. *Cidades para pessoas*. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2013

_____. *La humanización del espacio urbano: La vida social entre los edificios*. Barcelona: Editorial

Reverté, 2006. (Ed. original 2004)

GEHL, Jan; SVARRE, Birgitte. *Vida na Cidade: Como estudar*. São Paulo: Perspectiva, 2018.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1993. (Ed. original 1990)

_____. *Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. Ed Brasil: Martins Fontes, 2014.

HOLSTON, James. *Cidadania Insurgente: disjunções da democracia e da modernidade no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HOU, Jeffrey (Ed.). *Insurgent Public Space. Guerrilla urbanism and the remaking of contemporary cities*. New York: Routledge, 2010.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LA VARRA, Giovanni. "Post-it City. El último espacio público de la ciudad contemporánea". In: *Post-it City. Ciudades Ocasionales*. Barcelona: CCCB, 2008.

LEITE, Carlos; AWAD Juliana C. Marques. *Cidades Sustentáveis Cidades Inteligentes: desenvolvimento sustentável num planeta urbano*. Porto Alegre: Bookman, 2012.

LEFEBVRE, Henri. *Espaço e política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEFEBVRE, Henri. *O Direito à Cidade*. 1ª ed. São Paulo: Centauro, 2001.

LERNER, Jaime. *Acupuntura Urbana*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LYDON, Mike; GARCIA, Anthony. *Tactical Urbanism: Short-term Action for Long-term Change*. New York: Island Press, 2015.

LYDON, Mike (org.). *Urbanismo Tático 2 – Ação a curto prazo / Mudança a longo prazo*. Miami/New York: The Street Plans Collaborative, 2012.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

MONTANER, Josep; MUXÍ, Zaida. *Arquitetura e política: ensaios para mundos alternativos*. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

NOGUEIRA, Pedro C. E; PORTINARI, Denise B. *Urbanismo tático e a cidade neoliberal*. Rio de Janeiro, 2016.

PROJECT for Public Spaces, Inc. *How Turn a Place Around: A Handbook for Creating Successful Public Spaces*. New York: Project for Public Space, Inc., 2000.

QUEIROGA, Eugenio Fernandes. *Do vazio ao público: Requalificando paisagens, reestruturando territórios*. São Paulo: Paisagens Ambiente, 2011.

RELPH, Edward. *Place and placelessness*. London: Pion, 1976.

ROGERS, Richard. *Cidades para um pequeno Planeta*. Barcelona: Gustavo Gili, 2001

ROSA, Marcos L. *Microplanejamento: Práticas Urbanas Criativas*. São Paulo: Editora Cultura, 2011.

ROSA, Marcos L. Handmade Urbanism: From Community initiatives to Participatory Models. Berlim: Jovis, 2013.

SANSÃO FONTES, Adriana. Intervenções temporárias, marcas permanentes. A amabilidade nos espaços coletivos de nossas cidades. Tese de Doutorado em Arquitetura. Rio de Janeiro: PROURBFAU/UFRJ, 2011.

_____. "Intervenções temporárias, marcas permanentes na cidade contemporânea". In: Arquitetura Revista. São Leopoldo, v. 8, jan/jun, 2012.

SEN, Amartya; KIKSBERG, Bernardo. As pessoas em primeiro lugar: a ética do desenvolvimento e os problemas do mundo globalizado. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SHAFTOE, Henry. Convivial Urban Spaces: Creating effective public places. London: Sterling VA, 2008.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e gestão urbanos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

WHYTE, William H. The Social Life of Small Urban Spaces. New York: Project for Public Spaces, 2001. (Ed. original 1980)

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agricultura Urbana 116, 118, 122, 126

Análise Espacial 13

Arborização Urbana 24, 63, 65, 66, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 84, 85, 86, 87

Áreas Verdes 5, 21, 36, 37, 41, 42, 60, 63, 64, 65, 75, 82, 87, 101, 117, 162, 171, 195, 241

Assentamentos Sustentáveis 219

C

Calçada 79, 267, 276, 278, 291

Cambio Climático 30, 31, 37, 61

Caminhabilidade 259, 267, 269, 270, 272, 276, 278, 289

Cidade 5, 6, 7, 9, 10, 12, 13, 16, 17, 18, 22, 64, 65, 66, 67, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 81, 84, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 101, 103, 107, 108, 109, 110, 113, 114, 117, 118, 120, 121, 123, 124, 125, 129, 130, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 159, 160, 161, 162, 163, 166, 167, 168, 171, 172, 173, 174, 175, 184, 185, 186, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 210, 212, 213, 215, 217, 231, 234, 235, 236, 237, 240, 241, 242, 243, 247, 248, 250, 255, 259, 260, 264, 265, 267, 268, 269, 270, 276, 278, 280, 281, 282, 283, 284, 286, 287, 289, 290, 291, 292, 294, 295, 296, 297, 299, 301, 303, 307, 308

Cidade-Jardim 159, 160, 162, 171

Comunidades Alternativas 219, 226, 232

Comunidades Intencionais 219, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 229, 231

Convívio Social 105, 188, 279, 280, 285, 286, 291

Crescimento Urbana 102

Cultura da Sustentabilidade 219

D

Desenvolvimento Sustentável 1, 3, 4, 6, 8, 9, 10, 12, 86, 177, 224, 225, 231, 288, 294

E

Ecologia de Paisagens 13

Ecologia Urbana 116, 120, 121, 123, 125

Escola Sem Muros 234, 235, 236, 238, 240, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 251, 258, 260, 261, 262, 263, 264

Espaços Públicos 27, 84, 88, 89, 91, 92, 93, 97, 98, 100, 101, 204, 264, 267, 268, 269, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 288, 289, 290, 291, 292

Evolução Urbana 10, 129, 144

F

Fragmentação Espacial 13, 15, 27

G

Gestão Urbana 113, 291, 296, 297, 298, 300, 303, 307

H

História Urbana 176

I

Infraestrutura Religiosa Católica 145, 147, 153, 154, 155

Infraestrutura Verde 13, 14, 16, 21, 22, 24, 27, 28

L

Legislação Ambiental 15, 102

legislação Urbanística 102, 104, 109, 113

Lugar Público 279

M

Mobilidade Ativa 267, 269, 270, 272, 274, 276, 278

Morfologia Urbana 28, 63, 65, 88, 102, 103, 105, 107, 159, 160, 161, 173, 174, 186

O

Ocorrências Urbanas 102, 103, 105, 106, 107, 108

P

Paisagem 13, 14, 15, 16, 18, 19, 21, 22, 23, 27, 28, 61, 65, 71, 112, 117, 119, 120, 121, 125, 127, 137, 162, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 203, 205, 253, 263, 281, 283, 293, 301

Paisaje Cultural 30, 32

Participação Social 90, 93, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 306, 307

Patrones de Localización 145, 151

Pedestre 5, 11, 12, 213, 267, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 276, 278

Percepção 63, 71, 75, 87, 88, 91, 93, 98, 99, 100, 123, 124, 177, 178, 248, 253, 255, 259, 264, 270

Planejamento Urbano 5, 6, 64, 101, 102, 103, 104, 105, 110, 113, 116, 124, 125, 199, 240, 279, 282, 288, 291, 300

Políticas Públicas 1, 3, 4, 8, 11, 90, 105, 192, 240, 264, 282, 291, 296, 297, 298, 303, 304, 305
Práticas Urbanas Criativas 114, 279, 282, 283, 284, 286, 287, 289, 291, 293, 294
Processamento de Imagens 13
Processo de Projeto 233, 234, 260
Projeto Urbano 98, 161, 187, 191, 200, 201, 298

Q

Qualidade do Espaço Urbano 203, 205, 210, 267

R

Reconversão 187, 191

Resiliência Urbana 116, 118, 123

S

Serviços do Ecossistema 116, 117, 118, 121, 122, 125

Sistema Viário 5, 11, 15, 72, 170, 173, 195, 198, 203, 205, 210, 212, 215

T

Trama Urbana 47, 141, 145, 146, 149, 152, 157

U

Urbanismo 1, 3, 4, 5, 6, 9, 11, 12, 13, 16, 28, 36, 61, 63, 101, 114, 129, 139, 142, 145, 159, 163, 167, 171, 175, 188, 190, 194, 195, 196, 197, 199, 201, 202, 203, 212, 213, 216, 217, 219, 221, 229, 230, 231, 234, 265, 267, 278, 284, 286, 287, 288, 291, 293, 294, 296, 307, 309

Urbanização 1, 3, 4, 7, 10, 11, 15, 18, 64, 67, 106, 112, 116, 117, 118, 130, 139, 143, 193, 196, 241

V

Vegetação 13, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 72, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 87, 106, 111, 114, 163, 173, 195, 272, 276, 278

**ARQUITETURA E
URBANISMO:
ABORDAGEM
ABRANGENTE E
POLIVALENTE 2**

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

ARQUITETURA E URBANISMO: ABORDAGEM ABRANGENTE E POLIVALENTE 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 